

TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO CAMPO ACADÊMICO-CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: NOVOS *HABITUS*, *MODUS OPERANDI* E OBJETOS DE DISPUTA

CONTEMPORARY TRANSFORMATIONS IN THE ACADEMIC-SCIENTIFIC FIELD OF PHYSICAL EDUCATION IN BRAZIL: NEW HABITUS, MODI OPERANDI AND POINTS OF CONTENTION

TRANSFORMACIONES CONTEMPORÁNEAS DEL CAMPO ACADÉMICO-CIENTÍFICO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA EN BRASIL: NUEVOS HABITUS, MODUS OPERANDI Y OBJETOS DE DISPUTA

Ari Lazzarotti Filho*, Ana Márcia Silva**, Fernando Mascarenhas***

Palavras-chave

Campo Acadêmico-científico.
Educação Física.
Pierre Bourdieu.

Resumo: O campo da Educação Física no Brasil é relativamente recente no processo de incorporação sistemática da prática científica em seu cotidiano. Na primeira década do século XXI, ele se expande, se diversifica e se dinamiza, consolidando-se como campo acadêmico-científico com maior autonomia. Tal processo é amplo e complexo, demarcando um espaço social e forjando um *habitus* próprio, com a luta entre agentes e instituições em torno de capital específico e de novos objetos em disputa. Esse ensaio busca analisar esse movimento a partir do referencial teórico de Bourdieu. O poder instituído no campo e as lutas dos agentes para mantê-lo ou modificá-lo expressam-se na disputa pela construção dos conceitos e de suas representações na constituição de dois *modus operandi*, os quais representam uma forma de ver o próprio campo e a sua disputa para legitimá-lo, assim como na formação das novas gerações de agentes, estruturando formas de vê-lo. Neste contexto, observa-se que o *modus operandi* que tem impulsionado o desenvolvimento acadêmico-científico da Educação Física tem implicado no seu relativo afastamento dos debates pedagógicos.

Keywords

Scientific-Academic field.
Physical Education.
Pierre Bourdieu

Abstract: The field of Physical Education in Brazil has only recently come to systematically incorporate scientific research on a regular basis. In the first decade of the 21st century, the field has expanded, diversified and become more dynamic, consolidating itself as an academic-scientific field with greater autonomy. Such a process is large and complex, demarcating a social space and forging its own *habitus*, with the struggle between agents and institutions around specific capital and new points of contention. This essay seeks to analyze this movement following the theoretical framework of Pierre Bourdieu. The power generated in the field, and the struggles of agents to retain or transform it, are expressed in the disputes over the formulation of concepts and the ways in which these disputes have featured in the constitution of two *modi operandi*. These *modi operandi* manifest themselves as a way of conceiving the field and struggling to legitimize it, and as the formation of new generations of agents who structure ways of seeing it. In this context, it is observed that the *modus operandi* that has been spurring the academic-scientific development of Physical Education has led to the field's progressive distancing from pedagogic debates.

Palabras clave

Campo académico-científico.
Educación Física.
Pierre Bourdieu.

Resumen: El campo de la Educación Física en Brasil es relativamente reciente en la incorporación sistemática de la práctica científica en su proceso diario. En la primera década de este siglo, se expande, se diversifica y pasa a ser dinámico, consolidándose como campo académico-científico con mayor autonomía. Este proceso es complejo y amplio, demarcando un espacio social y forjando *habitus* propio, con la lucha entre agentes e instituciones por un capital específico y por nuevos objetos en disputa. Este ensayo busca analizar este movimiento desde el marco teórico de Bourdieu. El poder establecido en el campo y las luchas de los agentes para mantenerlo o modificarlo se expresan en la disputa por la construcción de los conceptos y sus representaciones en la constitución de dos *modus operandi*, que representan una manera de ver el propio campo y su disputa para legitimarlo, así como en la formación de las nuevas generaciones de agentes, estructurando formas de verlo. En este contexto, se observa que el *modus operandi* que ha impulsado el desarrollo académico-científico de la Educación Física ha implicado en su relativo alejamiento de los debates educativos.

* Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: arilazzarotti@gmail.com

** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: amarciasi@gmail.com

*** Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
E-mail: fernando.masca@uol.com

Recebido em: 30-06-2014
Aprovado em: 19-11-2014



1 INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O campo da Educação Física (EF) é relativamente recente no processo de incorporação sistemática da prática científica em seu cotidiano, buscando consolidar-se como campo acadêmico-científico com maior autonomia. A hipótese que levantamos é que esse processo vem ocorrendo com maior intensidade na primeira década do século XXI, demarcando um espaço social e forjando um *habitus* próprio, com a luta entre agentes e instituições em torno de capital específico e de novos objetos em disputa. Tal hipótese sustenta-se na análise do processo originado no campo nas décadas de 1980 e 1990 e nas transformações que se seguiram a esse movimento.

Na década de 1980, a Educação Física brasileira entrou em crise (OLIVEIRA, 1983) e, buscando portas de saídas (FENSTERSEIFER, 2001), um conjunto de agentes formados com forte influência das “ciências moles”¹ (CHARLOT, 2006) e, em especial, da educação, trazem questões e possibilidades de outro vir a ser para este campo.

Uma das marcas desse movimento foi a ideia de ciência “engajada”, principalmente em função de um *modus operandi* advindo do modelo associativista e do próprio engajamento político em uma conjuntura de abertura e redemocratização da sociedade brasileira. No interior desse processo é importante também pontuar como um marco a mudança da direção do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a mais antiga e uma das principais entidades científicas da Educação Física que, em 1989, passou a ser dirigida por agentes com vínculos das “ciências moles”. Tal fato alterou os rumos futuros dessa entidade científica, visto que desde sua fundação, no ano de 1978, sua direção geral vinha sendo ocupada por agentes vinculados majoritariamente às “ciências duras”. Essa mudança pode ser percebida pelo depoimento da sua ex-presidente:

[...] podem ser localizadas as temáticas de eventos e de periódico da entidade, a [Revista Brasileira de Ciências do Esporte] RBCE, além do embate para consolidar o CBCE não mais como entidade de base médica, referenciada no [American College of Sports Medicine] ACSM, instituição estadunidense considerada padrão de referência nas pesquisas em Medicina do Esporte e atividade física relacionada à saúde, mas como entidade ampliada, que congregue contribuições das áreas das Ciências Sociais e Humanas além da área médica (TAFFAREL, 2007 p. 17).

A mesma autora também reforça a ideia de que o CBCE passa a compreender que a Educação Física tem como objeto de estudo o trabalho pedagógico (TAFFAREL, 2007). A partir de então, direciona suas ações para esse objeto e coloca-o como merecedor de atenção e de disputa dessa entidade científica.

Esse elemento corrobora as novas ações desenvolvidas no campo da Educação Física como, por exemplo, a publicação do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”, desenvolvido por um coletivo de intelectuais (METODOLOGIA..., 1992) os quais apresentaram uma proposta denominada “EF crítico superadora”², que desenvolve novos conceitos neste campo específico acerca dos fundamentos, objetivos, conteúdos, metodologias de ensino da Educação Física na escola. Por meio de argumentos e justificativas advindos do campo da educação,

1 Sobre ciências duras e moles e suas manifestações no campo da EF ver LAZZAROTTI FILHO *et al* (2012).

2 Essa publicação constitui-se em um dos livros deste campo de maior tiragem até o momento registrada no país. Souza, Marchi Júnior *et al* (2011) informam que este livro foi selecionado entre outros concorrentes no edital do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), sendo distribuído a mais de 40 mil professores das séries iniciais do ensino fundamental e disponível para download gratuitamente, quase vinte anos após sua publicação inicial, indicando o caráter seminal deste que se tornou um clássico no campo.

aproximando-se das demais disciplinas escolares e entrando na disputa das formas autorizadas e merecedoras de atenção, passa a justificá-la como disciplina que mereceria compor o currículo da educação básica no sistema de educacional brasileiro.

Nesse mesmo período, Kunz (1991-1994) apresenta também uma proposta teórico-metodológica denominada-a de “EF crítico emancipatória”. Para esse autor, a especificidade da Educação Física é caracterizada como sendo a cultura de movimento, diferentemente daquilo que propõe o “Metodologia...” (1992), para o qual a especificidade da Educação Física é dada pela cultura corporal.

Essa tendência estende-se por toda a década de 1990, ganhando mais força com estudos do tipo estado da arte; em outras palavras, desenvolvem-se elaborações teóricas sobre outras pesquisas, revisões e ensaios, tal como a apresentada por Castellani Filho (1998). Nesse estudo, o autor classificou as propostas pedagógicas da Educação Física em sistematizadas e não sistematizadas e, dentro dessa última, sistematizadas propositivas e não propositivas, buscando auxiliar com uma categorização interna do campo.

Observa-se um movimento de construção de consensos, tal como o apresentado por Bracht (2003), um dos autores do livro “Metodologia do ensino da Educação Física”, que tenciona a proposta da qual foi autor em 1992, buscando ampliá-la com nova conceituação e denominação: “cultural corporal de movimento”. Ademais, é possível perceber adesões de agentes a uma ou outra proposta, como são os casos de Fensterseifer (2001) e Pires (2002), além das críticas realizadas a ambas por Betti (1996).

É também na década de 1990 que essas propostas entram em disputa para configurar a política educacional brasileira. No ano de 1996 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), garantindo a EF como componente curricular obrigatório de toda educação básica no sistema de ensino brasileiro. Tal processo de construção social e política desta importante legislação fez com que o tema fosse merecedor de atenção dos agentes do campo e sua promulgação tornou-se o momento culminante das argumentações que justificaram a sua obrigatoriedade.

O fato do campo da EF ter obtido sucesso com a LDB mantendo a obrigatoriedade e assumindo o caráter de disciplina e não mais constando como mera atividade como predominava anteriormente, mostrou a efetividade das ações e argumentos dessa comunidade acadêmica. Tal processo político-acadêmico pode ser compreendido a partir da obra de Pierre Bourdieu (2004), tendo demonstrado o poder de exteriorização da interioridade do campo, a sua importância educacional e o seu poder de legitimação, ao manter a obrigatoriedade da disciplina curricular no sistema de ensino brasileiro.

No início da década de 2000, são aprovados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da EF, os quais consolidaram consensos possíveis no âmbito da formação profissional, incorporando, ainda que com ambiguidades, grande parte das propostas pedagógicas da EF desenvolvidas na década de 1990 e mencionadas anteriormente.

No entanto, observa-se que será na primeira década do século XXI que o campo vai ganhar novos contornos e intensificar as práticas científicas, incorporando-as definitivamente em seu *modus operandi*. Argumenta-se que a perspectiva pedagógica da EF constitui-se como o componente que engendra o campo no país (PAIVA, 2004), e o motor que o desenvolve até então vai consolidar-se nessa década, porém, observa-se que novos e importantes componentes passam a entrar em cena.

Esses componentes mostram-se na expansão exponencial do campo acadêmico-científico da EF, desde a grande ampliação de cursos de graduação, inclusive na modalidade à distância (SILVA *et al*, 2009), de cursos de pós-graduação em níveis de mestrado e doutorado, até o aumento significativo do número de editais de fomento a pesquisa e bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Também compõem esse processo de ampliação: a qualificação das revistas científicas do campo, a ampliação e diversificação do número de laboratórios e de grupos de pesquisa em todo o Brasil.

Entendemos que esse processo é complexo e amplo e este ensaio busca apresentar uma forma de ver esse movimento a partir do referencial teórico de Bourdieu principalmente quanto à incorporação das práticas científicas a partir da primeira década do século XXI e o relativo afastamento dos debates centrados nas teorias pedagógicas.

2 UMA FORMA DE VER O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DO CONTRIBUTO DE PIERRE BOURDIEU

Como forma de ver o campo da Educação Física, apresentamos como base as elaborações de Pierre de Bourdieu (1930-2002). A apropriação dos conceitos desse autor para estudar o campo da Educação Física não é uma tendência recente e já foi empreendida por autores como Ferraz (1999), Paiva (1994, 2003, 2004), Souza Neto *et al.* (2004), Souza e Marchi Júnior (2010 e 2011), Stigger *et al* (2010), Bracht (2003), Betti (1996), dentre outros.

O arcabouço teórico construído por esse autor tem impacto em campos tradicionais como a Antropologia, a Filosofia e, principalmente, na Sociologia e na Educação. No caso específico da EF, suas elaborações têm embasado investigações sobre o campo esportivo e, mais recentemente, vem crescendo sua utilização para o estudo do próprio campo acadêmico-científico.

Ao operarmos com tal referencial, estamos entendendo que ele pode contribuir para a compreensão da EF como um campo novo, em construção, que não se enquadra dentro da estrutura científica tradicional organizada na forma disciplinar.

Alguns conceitos de Pierre Bourdieu, em especial, os conceitos de *habitus*, campo e capital (social, cultural e simbólico), podem nos servir de orientação para a compreensão do campo acadêmico-científico da EF e de sua dinâmica atual. Assim, ao mobilizar tais conceitos, avaliamos que a EF pode ser entendida a partir de elementos próprios que a diferenciam e que configuram sua especificidade.

Essa leitura está alinhada à compreensão de Bourdieu (2009) de que o universo onde estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem o campo da Educação Física constituem-se em um mundo social como os outros, mas obedecendo a leis sociais mais ou menos específicas, torna-se um campo relativamente autônomo.

Essa perspectiva está sustentada numa teoria da prática, uma mediação ou, como denominou Bourdieu (2009), uma teoria relacional que busca se contrapor aos extremos desenvolvidos pelas chamadas teorias objetivistas e subjetivistas. A primeira, presa unicamente aos dados, e a segunda, à percepção dos sujeitos sobre os dados. A dupla verdade, objetiva e subjetiva, para Bourdieu (2009), constitui a verdade do mundo social e deve ser perseguida por uma teoria da prática.

Para o campo científico, Bourdieu (2009) retraduz a teoria relacional, diferenciando a “teoria teórica” da “teoria científica”. Para ele, a teoria teórica tem um fim em si, pois nasce e vive da confrontação com outras teorias e se constitui sempre como ponto de partida. A teoria científica, diferentemente, apresenta-se como um programa de percepção e de ação que só se revela no trabalho empírico em que é realizado. O autor citado enfatiza que:

[...] tomar verdadeiramente o partido da ciência é optar, asceticamente, por dedicar mais tempo e mais esforços a pôr em ação os conhecimentos teóricos adquiridos, investindo-os em pesquisas novas, em vez de os acondicionar, de certo modo, para a venda, metendo-os num embrulho de metadiscurso, destinado menos a controlar o pensamento do que a mostrar e a valorizar a sua própria importância ou a dele retirar diretamente benefícios, fazendo-o circular nas inúmeras ocasiões que a idade do jacto e do colóquio oferece ao narcisismo do pesquisador (BOURDIEU, 2009 p. 59).

Propõe, assim, o desenvolvimento de práticas científicas que rompam com a ideia de guetos teóricos, pois, segundo ele,

[...] a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, [...] com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas (BOURDIEU, 2009, p. 26).

Para tanto, o autor defende o rigor teórico aliado ao trabalho de investigação empírica. Constrói o que denominou de instrumento teórico para a construção de objetos de pesquisa, acreditando que a dinâmica social como um todo atravessa o interior de todo e qualquer espaço social; só que tal movimento produz algo de específico nesses espaços de acordo com suas possibilidades e peculiaridades de lugar e de tempo, configurando, deste modo, um determinado campo. Nele, há agentes (indivíduos e grupos) e instituições com disposições específicas denominadas *habitus* que, por sua vez, são instituídas e delimitadas como moeda de troca tornando-se um capital específico.

Bourdieu (2009) constrói a ideia de campo como um mundo social que faz imposições e solicitações que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve, apesar de relacionado com ele. A noção de campo como um espaço relativamente autônomo de forças objetivas e lutas padronizadas sobre formas específicas de autoridade é a possibilidade encontrada por esse autor para a delimitação de certos objetos de conhecimento:

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do *objecto* que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o *objecto* em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades (BOURDIEU, 2009, p. 27).

Dito isto, compreende-se que a sociedade é constituída por campos que são concebidos como:

[...] microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irredutível à lógica que rege outros campos. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura. (BOURDIEU, 1996, p. 50).

O mesmo autor afirma ainda que os campos não são estruturas fixas e sim produtos da história, possuindo, ao mesmo tempo, propriedades universais e características próprias. Eles comportam também a *doxa*, que consiste nas opiniões consensuais expressas nas leis que regem e regulam a luta pela manutenção e dominação do campo.

Os campos são dotados de determinada autonomia relativa que se firma como uma relação estabelecida entre o específico e o geral, entre o microcosmo e o macrocosmo. Quanto maior o poder de refração e de retradução que um campo consegue impor, maior é seu grau de autonomia. Ao contrário, quanto maior a heteronímia de um campo, menor é seu poder de refração e de retradução (BOURDIEU, 2004), sendo mais suscetível às influências externas.

Aliado ao entendimento de campo está o de *habitus*. Thiry-Cherques (2006) afirma que a construção do conceito de *habitus* possui uma longa história ao longo da filosofia ocidental. Para o mesmo autor, tal conceito foi concebido por Bourdieu “[...] como um expediente para escapar do paradigma objetivista do estruturalismo sem recair na filosofia do sujeito e da consciência.” (THIRY-CHERQUES, 2006, p.33).

Assim, o conceito de *habitus* para os propósitos deste estudo do campo da EF, pode ser entendido como um *modus operandi* científico, um princípio unificador e gerador que, na prática, funciona segundo as normas da ciência sem tê-las em sua origem (BOURDIEU, 2009). É o sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso ser feito. Ainda para Bourdieu (2004), *habitus* é formado por sistemas de disposições plásticas e flexíveis, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar e de agir em uma dada circunstância. Para Wacquant (2002, p. 102), que trabalhou em colaboração com aquele autor, “[...] *habitus* é um conjunto de desejos, vontades e habilidades socialmente constituídas, que são ao mesmo tempo cognitivas, emotivas, estéticas e éticas, como ele é elaborado e como opera concretamente.”

Continuando com a apresentação do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu, podemos ainda dizer que os campos são compostos de objetos merecedores de atenção, de investimento e de disputa, pois são dotados de valores. Desse modo, o autor incorpora homologias com outros campos, por exemplo, retraduzindo conceitos da economia para tratar dos objetos simbólicos em jogo em outros campos, inclusive o científico. Esse instrumento teórico de pensar o campo com base na economia das trocas simbólicas foi denominado por Bourdieu (2004) de capital, entendido como uma energia social. Essa energia social pode ser herdada ou adquirida por investimentos e se reproduz de acordo com a habilidade do seu detentor em investir energia no próprio campo. O autor entende que o capital apresenta-se em três formas específicas: capital cultural, capital social e capital simbólico.

Em estudos sobre o campo científico, Bourdieu (2004) identifica propriedades inerentes a este conceito, as quais se manifestam em duas formas de poder: poder temporal e poder específico. O poder temporal manifesta-se pelo poder institucional ou institucionalizado, aquele vinculado à ocupação temporária de posições importantes em instituições do campo. No caso do campo da EF no Brasil estas posições podem ser identificadas nas funções ou cargos nas agências de fomento e entidades científicas ou, ainda, direção de laboratórios, programas de pós-graduação ou departamentos. Além disso, esse poder está expresso na posse de meios de produção, tais como financiamentos, equipamentos, contratos de assessoria ou consultoria, entre outros; e de reprodução, tais como o poder de nomear, julgar e fazer as carreiras, selecionando novos agentes. Por sua vez, o poder específico ou de prestígio é representado quase que exclusivamente pelo reconhecimento do conjunto de pares ou da fração mais consagrada

do campo e é adquirido principalmente por meio de reconhecida contribuição ao progresso do campo. Com relação a este aspecto, pode-se dizer que:

Todo campo vive o conflito entre os agentes que o dominam e os demais, isto é, entre os agentes que monopolizam o capital específico do campo, pela via da violência simbólica (autoridade) contra os agentes com pretensão à dominação [...]. A dominação é, em geral, não-evidente, não-explicita, mas sutil e violenta. Uma violência simbólica que é julgada legítima dentro de cada campo; que é inerente ao sistema, cujas instituições e práticas revertem, inexoravelmente, os ganhos de todos os tipos de capital para os agentes dominantes (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 37).

O capital é a forma pela qual os agentes iniciados e os que pretendem ingressar no campo se relacionam. Os últimos necessitam de um capital inicial – em uma nova alusão ao campo econômico – que pode ser adquirido de diversas formas, sempre dentro das regras do jogo jogado e que podem contribuir para a conservação ou a negação da tradição do próprio campo.

Ainda para pensar o campo da EF, outros conceitos de Pierre Bourdieu também podem ser acionados, como é o caso da comparação entre homologias que permite pensar relacionalmente um caso particular constituído em caso particular do possível (BOURDIEU 2007). Tal procedimento auxilia na tarefa de compreender a gênese do campo acadêmico-científico da EF e sua relação com o momento atual, colocando e comparando objetos em disputa, do passado e do presente, e percebendo o movimento interno e a construção de novos objetos, tarefa da qual nos ocuparemos nos próximos itens deste ensaio.

3 AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO CAMPO DA EF A PARTIR DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Considerando a caracterização desenvolvida por Paiva (2004) que compreende o campo da EF em dois momentos – sendo o primeiro o do seu engendramento, por volta da década de 1930, e o segundo quando entra em crise na década de 1980 – apresentamos, neste ensaio, a caracterização de um novo momento, gestado a partir da primeira década do século XXI. O que se observa, desde então, é a incorporação definitiva e definidora das práticas científicas, trazendo para o campo da EF novas conformações.

Para compreender tal movimento, algumas características do campo até a primeira década do século XXI (expressas no Quadro 1), são assim elencadas: a centralidade do campo é marcada pela prática pedagógica; suas características são marcadamente acadêmicas no âmbito da formação profissional inicial; observava-se uma forte intencionalidade na política engajada; os principais agentes do campo são os intelectuais acadêmicos; o principal veículo de difusão do conhecimento estava centrado no livro; os principais objetos de disputa concentravam-se nas teorias, nas metodologias, nas propostas pedagógicas, nos conceitos, entre outros.

Observam-se, nessa última década, inúmeros indícios da operacionalização científica e de um processo de diluição do debate pedagógico, no qual os agentes vão incorporando gradativamente o *modus operandi* científico. Nesse processo os objetos em disputa migram do debate acerca das teorias pedagógicas e da própria escolarização da EF para a prática científica sistemática.

Quadro 1: As mudanças ocorridas no campo da EF até e após a primeira década do Século XXI

Até a primeira década do século XXI	Após primeira década do século XXI
Centralidade marcada pela prática pedagógica	Centralidade marcada pelas práticas científicas
Característica marcadamente acadêmica	Característica acadêmico-científica
Forte intencionalidade na política engajada	A política científica
Os intelectuais-acadêmicos como principais agentes do campo	Os principais agentes do campo são os pesquisadores-produtivos
Principal veículo de difusão centrado no livro	Difusão centrada em periódicos
Os principais objetos de disputa concentravam-se nas teorias, nas metodologias, nas propostas pedagógicas, nos conceitos, entre outros.	Os objetos de disputa são os artigos publicados em periódicos indexados, as bolsas, os financiamentos, a direção de laboratórios, as representações de áreas, as coordenação de programas de pós-graduação, dentre outros.

Fonte: Elaboração dos autores

Como exemplificação dessa demarcação, abaixo apresentamos importante documento que expressa essa mudança de intencionalidade no sistema de pós-graduação brasileiro.

Se no passado a pós-graduação na área esteve voltada para a formação de recursos humanos para a docência no ensino superior, atualmente, a essa função é acrescida a de formar recursos humanos para a pesquisa e a inovação. (CAPES, 2003).

Bracht (2003) faz uma afirmativa significativa nesta questão, dizendo que quanto mais nos subordinamos aos processos de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que normatiza e estrutura a produção científica brasileira, mais nos distanciamos da escola.

É possível afirmar que esse campo vem se desenvolvendo, criando sua autonomia relativa e forjando seu próprio espaço social, constituindo-se com uma estrutura estruturada, desenvolvendo um *habitus* próprio com novos objetos em disputas e com um *modus operandi* diferente do anterior.

Um campo acadêmico-científico demarca mais ou menos suas fronteiras criando sua autonomia relativa, ainda que processual. Segundo Thiry-Cherques (2006), a demarcação de um campo é uma das condições de sua existência, seus limites são dinâmicos e se estendem tão longe quanto o poder de seus efeitos, os quais são convertidos em fronteiras normativas protegidas por um direito de entrada explicitamente codificado.

Como exemplo dessas codificações, recorremos novamente aos Documentos de Área da Educação Física³ (Capes). O primeiro documento publicado no ano de 2000 era constituído de seis páginas; já no ano de 2013, o documento de área apresentava 44 páginas de detalhamento acadêmico-científico. O aumento no número de páginas pode ser entendido como uma forma de codificação e demarcação do campo e, ao mesmo tempo, de complexificação e ampliação do próprio campo acadêmico-científico da EF, exigindo novas formas, procedimentos e critérios. Em outras palavras, organizando-se em novas estruturas estruturadas pelo e para o campo. (BOURDIEU, 2004).

Para Bourdieu (2009), quanto maior é a autonomia de um campo, maior é o seu poder de refração e retradução de interferência e influências de outros campos, deixando que a concorrência seja mais justa e adequada. Esse, talvez, seja o *locus* onde o campo acadêmico-

3 O documento de área é publicado de três em três anos e contém no mesmo a avaliação do desenvolvimento da área, assim como os critérios aplicados para avaliar a pós-graduação em EF, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia que constituem a denominada de Área 21 da Capes.

científico da EF parece apresentar maiores dificuldades neste novo momento de seu desenvolvimento, seja por ser recente, seja por seu incipiente grau de desenvolvimento. É possível afirmar que há uma autonomia em fase de construção, ainda sofrendo forte influência de outros campos. Argumenta-se que a EF opera com pouco poder de retradução e refração ao *modus operandi* de outros campos, apresentando disposições e tendências dos campos de origem dos seus agentes e de suas instituições.⁴

Aqui, há que se recordar que grande parte dos doutores-pesquisadores contemporâneos da EF fez sua formação no *stricto sensu* em programas de outros campos acadêmicos que não a EF. O *habitus* desses sujeitos, especialmente na formação de novos agentes no campo, acaba de certa forma reproduzindo o *modus operandi* dos campos de formação, sejam eles situados nas humanas e sociais, sejam nas exatas ou biológicas.

Isso por que o campo da Educação Física é constituído nas fronteiras do conhecimento (VAZ, 2000) com as ciências biológicas e exatas, assim como com as humanas e sociais – isto é, das “ciências duras” e “ciências moles”, como identificado anteriormente, além do diálogo com a filosofia, a arte e a cultura. Os temas/objetos de pesquisa da EF têm sido construídos a partir de perspectivas predominantes, ou no âmbito da natureza ou no da cultura.

Influências e interferências de outros campos, como o da política, também são identificadas como uma forma de fraco poder de refração do campo (BOURDIEU, 2004), e na EF têm sido identificadas com a “ciência engajada”. Para Vaz (2003), esse processo ocorrido nos décadas de oitenta e noventa mesclou e praticamente tornou indiferenciados vários conceitos numa mesma agenda: educação como ato político, ciência engajada e produção de conhecimento a partir de um ponto de vista de classe.

Tani (1996), analisando a produção do conhecimento daquele período e usando metáforas do campo artístico, fez suas críticas ao que considerava um excessivo número de “críticos da arte” em relação aos poucos “artistas”; afirmava, ainda, que poucos fazem pesquisa, mas muitos fazem crítica a essas pesquisas. Para o referido autor, o campo deveria produzir mais conhecimento. Essa crítica também foi feita por Vaz (2003), quando afirmava que a EF vinha produzindo muita “literatice”.

Essa característica, fortemente identificada na década de 1980, parece ter se mantido também na década 1990. Diferentemente, na primeira década do século XXI vai ganhando novos contornos com a incorporação mais acentuada do *modus operandi* acadêmico-científico, em consonância com a política científica em vigor no país e em âmbito internacional. Os dados indicam um fortalecimento da prática de pesquisa em detrimento, talvez, do campo da intervenção profissional, onde os conflitos identificados entre tendências pedagógicas existentes em períodos anteriores foram sendo “diluídos” gradativamente, passando a ser operados no campo da pesquisa.

Observa-se a reprodução nos temas e objetos de pesquisa, os quais são amplos, provenientes das chamadas ciências mães e pouco convergentes, dificultando os possíveis acordos tácitos e diálogos entre os agentes da comunidade acadêmico-científica da EF.

⁴ Acerca deste tema, o campo ainda carece de análises sobre as tensões e disputas com outros campos aos quais está subordinado como, por exemplo, no âmbito da Capes. Nesta importante instituição, a Educação Física está subordinada ao campo da saúde e à Medicina em especial, assim como internamente ao campo observa-se forte tensão e disputa entre os subcampos, com predomínio das linhas de pesquisa vinculada às biodinâmicas sobre as linhas de pesquisa do âmbito sociocultural.

Nesse aspecto é possível identificar a efetivação de dois *modus operandi* no campo constituídos a partir das ciências mães, sejam elas do campo de formação básica dos agentes ou como campos de desenvolvimento dos programas de pós-graduação onde atuam. Índícios desse movimento estão na veiculação dos conhecimentos em revistas do campo da EF com diferenças nas formas de produzir, operar conceitos e construir a comunicação científica.

Essas diferenças no *modus* de produção/veiculação do conhecimento se fazem presentes, de maneira mais explícita, em vários indicadores, tal como analisamos em outro momento (LAZAROTTI FILHO *et al*, 2012). Esses indicadores podem ser sintetizados no uso da literatura nacional ou internacional; nas referências de livros ou de revistas científicas; na mobilização dos argumentos das ciências duras ou das ciências moles; no privilegiamento de temas e objetos de pesquisa mais próximos dos âmbitos da natureza ou da cultura; na mobilização de componentes mais de quantidade ou de qualidade; na forma da coleta e análise de dados; no número e natureza das referências utilizadas e inclusive na quantidade de caracteres requisitados para comunicar os resultados de pesquisa.

Os agentes do campo começam a forjar novos conceitos, colocando-os em contrapon-tamento a termos já consolidados. Isso reflete o movimento do campo na disputa de formas de ver e de fazer valer formas de ver o próprio campo, com novas interpretações que traduzem disputas, inclusive pelo poder de nomeação e de classificação dos objetos e das práticas do campo acadêmico-científico da EF. Uma evidência parece ser a crescente publicação de dicionários conceituais no campo, como é o caso do Dicionário Crítico da Educação Física (GONZÁLEZ; FENSTENSEIFER, 2005), que caminha para sua terceira edição, do Dicionário do Esporte (MELO, 2007) e o Dicionário do Lazer (GOMES, 2004).

Também entram em disputas e rivalizam termos consolidados no campo, como é o caso do acadêmico e científico, do professor, do intelectual e do pesquisador. Uma primeira disputa a se destacar consiste no acadêmico e no científico, noções que, na política científica brasileira, encontram-se imbricadas. Isso porque quase todo conhecimento científico no país é produzido no interior das universidades ou estão, de alguma forma, relacionada com elas e, mais especificamente, com os cursos de pós-graduação.

Observam-se fortes indícios, no entanto, de autonomização e separação entre ambos, como observado no movimento de mudança de centralidade dos objetos antes e após a primeira década do século XXI. Antes da primeira década do século XXI, eram os objetos acadêmicos, ou, nos termos de Bourdieu (2009), das teorias teóricas que constituíam os objetos de disputa do campo. A partir da primeira década do século XXI, há uma intensificação das teorias científicas e do *modus* de produção científica confirmando, de certa forma, uma tendência de autonomização do campo científico.

Outro indício dessas mudanças é a natureza dos estudos epistemológicos desenvolvidos no interior do campo da EF até a primeira década do século XXI. Anteriormente esses estudos centravam-se na produção veiculada nas dissertações e teses pautadas no âmbito da formação e sua finalidade era a conclusão de níveis de estudo e titulação, portanto, marcadamente acadêmica. Exemplos desse tipo de estudo podem ser encontrados em Souza e Silva (1990; 1997); Gaya (1994); e Molina Neto (2005). Atualmente, a ênfase das análises se dá a partir dos resultados de pesquisas veiculados em periódicos científicos, conforme o fazem Job, Fraga e Molina Neto (2008), Job (2010), Rosa e Leta (2010), Medeiros e Godoy (2009), Franco e Cunha (2009), Antunes, Silva e Baptista (2013).

Outros termos e formas de operacionalização também se destacam, como a figura do intelectual e do pesquisador. A partir da primeira década do século XXI, a centralidade tanto da formação como da valoração acadêmica tem se deslocado do intelectual para o pesquisador produtivo. Num campo com pouca tradição na produção do conhecimento científico, o pesquisador acaba ocupando espaço privilegiado. Ao mesmo tempo, é na atividade de pesquisa que são encontrados os objetos de disputa mais valorizados contemporaneamente, como as bolsas produtividade, os financiamentos de pesquisas e de eventos, nas vagas para mestrandos e doutorandos, na participação em conselhos editoriais de revistas científicas, bancas de concurso, etc.

Considerando esses aspectos, é necessário ter claro também que as disputas engendradas no interior do campo dão forma a subcampos de poder, os quais se constituem como estruturas definidoras de práticas presentes no interior da EF, como indicam as análises realizadas por Manoel e Carvalho (2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se esses elementos, entende-se que o campo da EF na última década, ao se expandir, diversificar-se e se dinamizar, vem incorporando o *modus operandi* acadêmico-científico. Ao fazer isso, vem forjando seus conceitos com suporte em diversas matrizes científicas constituídas, porém, ainda com fortes marcas do diálogo com as “ciências duras” e “moles”, e estabelecendo disputa entre as formas autorizadas de construção de seus objetos, indícios desse novo momento acadêmico-científico da história deste campo. Tal como em outros campos já consolidados, intensifica-se o periodismo científico como forma de comunicação entre a comunidade científica e como seu principal veículo de divulgação, marcando e demarcando objetos acadêmico-científicos como merecedores de atenção e com disposições provenientes do *habitus* para a disputa por seus agentes.

O poder instituído no campo e as lutas dos agentes para mantê-lo ou modificá-lo podem ser entendidos a partir dos campos de lutas e campos de forças presentes na obra de Pierre Bourdieu. Expressam-se na disputa pela construção dos conceitos e de suas representações e na constituição, ainda, de dois *modus operandi* presentes no campo da EF, os quais representam formas de ver o campo e a sua disputa para legitimá-las, assim como na formação das novas gerações de agentes, inculcando formas de vê-lo.

Como perspectiva de um vir a ser do campo da EF, campo no qual nos localizamos como agentes envolvidos e imbricados em seu jogo, defendemos o aprofundamento do debate acerca das transformações que nos apanham e das constantes mediações necessárias para que ocorram futuros avanços. Isso porque compreendemos, tal como Vaz (2000), que a EF está situada nas fronteiras do conhecimento. Entende-se que a sua especificidade está no diálogo interdisciplinar, exigindo a todo o momento as tomadas de decisão e a produção de condições de fortalecimento, reconhecimento e criação de um *modus operandi* próprio, com aumento da sua autonomia relativa. Compreende-se, ainda com Bourdieu (2004), que o campo é o espaço onde os pontos de vistas antagônicos enfrentam-se segundo procedimentos regulados e se integram progressivamente, graças ao confronto racional, dado que o limite de um campo é o próprio limite dos seus efeitos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, P.; SILVA, A. M.; BAPTISTA, T. A matematização da vida: uma análise das produções científicas do campo da educação física acerca das pessoas da meia idade. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 849-955, jul./set. 2013.
- BETTI, M. Por uma teoria da prática. **MotusCorporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo, Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRACHT, V. **EF & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998. 93p.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Comissão De Área Da Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. **Documento de área –2003**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/doc_areas_triennial_2007/2007_EducacaoFisica_Aval2004-2006.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2010.
- CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, p. 7-18, jan./abr. 2006.
- FERRAZ, M. V. M. Inquietações acerca da cerca que cerca o conhecimento em EF ou considerações históricas sobre o campo de conhecimento da EF. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 1225-1231, set. 1999.
- FENSTERSEIFER, P. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001
- FRANCO, A. S.; CUNHA P. A. Reflexões sobre a produção em políticas públicas de educação física, esporte e lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 41-56, set. 2009.
- GAYA, A. C. A. **As ciências do desporto nos países de língua portuguesa: uma abordagem epistemológica**. 1994, 220p. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1994.
- GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.
- GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- JOB, I. Identificação das revistas científicas brasileiras da área de Educação Física e esportes. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 14, p. 9-18, 2009.
- JOB, I.; FRAGA, A. B ; MOLINA NETO, V. Invisibilidade das Revistas Brasileiras de Educação Física nas bases de dados. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Lisboa, v. 1, p. 14-26, 2008.
- KUNZ, Elenor. **EF: ensino & mudança**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.
- KUNZ, Elenor. **Transformações didático-pedagógicas do esporte** Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.

- LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* Modus operandi da produção científica da EF: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista da EF/UEM**, Maringá, v. 23, p. 1-14, 2012.
- MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Revista de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, 2011.
- MEDEIROS, C. C. de, C., GODOY, L. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n. 2 p. 199-214, 2009.
- MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- METODOLOGIA do Ensino de EF. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOLINA NETO, V. A produção do conhecimento em educação física e ciências do esporte: campos e métodos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, ESEF/UFRGS, 2005. p. 1-26.
- OLIVEIRA, V.M de. **O que é educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- PAIVA, F. S. L. **Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória: CEF/UFES, 1994. v. 1.
- PAIVA, F. S. L. Constituição do campo da EF no Brasil: ponderações acerca de sua especificidade e autonomia. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Coord.). **A EF no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 63-79.
- PAIVA, F. S. L. Notas para pensar a EF a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, p. 51-82, jul./dez. 2004. n. especial.
- ROSA, S. P.; LETA, J. . Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física. Parte 1: uma análise a partir de periódicos nacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, p. 121-134, 2010.
- SILVA, A. M. ; NICOLINO, A. S. ; INACIO, H. L. D. ; FIGUEIREDO, V. C. A formação profissional em educação física e o processo político-social. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, p. 1-15, 2009.
- SOUZA E SILVA, R. V. **Mestrados em Educação Física no Brasil**: pesquisando suas pesquisas, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, RS, Santa Maria, 1990.
- SOUZA E SILVA, R. V. **Pesquisa em educação física**: determinações históricas e implicações epistemológicas, 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma sociologia da produção científica no campo acadêmico da EF no Brasil. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, p. 349-360, 2011.
- SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 293-315, 2010.
- SOUZA NETO, S. *et al.* A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da Legislação Federal no Século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.
- STIGGER, M. P. *et al.* Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que "se faz" no campo da EF brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 113-154, 2010. n. especial.
- TAFFAREL, C. Z. Política científica e produção do conhecimento na Educação Física/ciência do esporte: Conjuntura, as contradições e as possibilidades de superação. In: Carvalho, Y. M.

LINHARES, M. A. **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 17-72.

TANI, G. Cinesilogia, EF e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. **MotusCorporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 9-50, 1996.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-56, 2006.

VAZ, A. F. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 161-172, jan. 2000.

VAZ, A. F. Metodologia da pesquisa em Educação Física: algumas questões esparsas. *In*: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (Coord.). **A educação física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados: Rio de Janeiro: PROSUL, 2003. p. 115-127.

WACQUANT, L. J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov. 2002.

Endereço para correspondência:

Ari Lazzarotti Filho

Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Educação Física e Dança

Campus Samambaia, Caixa Postal 131 - CEP: 74001-970 - Goiânia - Goiás – Brasil

Apoio financeiro: Edital Universal 2012 (CNPq)